



**PARA UMA BIOGRAFIA DO NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS
COMPARADOS (NECC/ 2009-2022): avanços & impasses de uma
trajetória crítica acadêmica¹**

**TOWARDS A BIOGRAPHY OF THE NUCLEUS OF COMPARATIVE
CULTURAL STUDIES (NECC/2009-2022): advances & impasses of na
academic critical trajectory**

**HACIA UNA BIOGRAFÍA DEL NÚCLEO DE ESTUDIOS CULTURALES
COMPARADOS (NECC/ 2009-2022): avances y impasses de una
trayectoria académica crítica)**

Edgar César Nolasco²

Resumo: A ideia central do ensaio resume-se em delinear parte da trajetória histórica e crítica do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS), por meio tão somente daqueles autores, obras ou textos mais lidos e discutidos, primeiro, a partir do momento em que o professor e coordenador do grupo entrou na UFMS/CPTL (2004), por meio das disciplinas ministradas por ele, e, depois, quando, em 2009, já em Campo Grande (CCHS/UFMS), foi criado o NECC, vindo até este momento pandêmico de 2022.

Palavras-chave: NECC; Biografia crítica; Trajetória acadêmica.

¹ Uma primeira versão deste texto, com algumas alterações, saiu publicado no livro *Literatura comparada no Brasil hoje* (2022), sob a organização de Edgar César Nolasco.

² Edgar César Nolasco é professor titular da UFMS e coordenador do NECC. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: edgar.nolasco@ufms.br.

Abstract: The main idea of the essay is to outline part of the historical and critical trajectory of the Center for Comparative Cultural Studies (NECC/UFMS), through only those authors, Works or texts most read and discussed, first, from the moment when the professor and coordinator of the group entered UFMS/CPTL (2004), through the subjects taught by him, and, later, when, in 2009, already in Campo Grande (CCHS/UFMS), the NECC was created, coming to this pandemic moment of 2022.

Keywords: NECC; critical biography; Academic trajectory.

Resumen: La idea principal del ensayo es esbozar parte de la trayectoria histórica y crítica del Centro de Estudios Culturales Comparados (NECC/UFMS), a través sólo de aquellos autores, obras o textos más leídos y discutidos primero, desde el momento en que el profesor y coordinador del grupo ingresó a la UFMS/CPTL (2004), a través de las materias impartidas por él, y, posteriormente, cuando, en 2009, ya en Campo Grande (CCHS/UFMS), fue creado el NECC, llegando a este momento pandémico de 2022.

Palavras chave: NECC; Biografia crítica; Trayectoria académica.

Enquanto a noção de semelhanças-e-diferenças constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia de civilização ocidental, [...] a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única [...], mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.

MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 278.

O que vou intentar fazer aqui não é nada mais senão voltar ao ano de 2009, ano este em que fundamos o NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados, vinculado ao antigo PPGMEL/UFMS, e pontuar, em ordem cronológica, o que estávamos lendo naquele ano e o que íamos passando a ler nos anos seguintes até hoje 2021, onde nos encontramos todos atravessados por essa condição pandêmica mundial estupeficante e por essa política brasileira catastrófica. Entendo que não basta mencionar a pandemia, uma vez que ela veio para alterar nossas vidas para sempre e, por conseguinte, nosso pensamento como um todo. Todos perdemos alguma coisa nessa pandemia, uns mais, outros menos, é verdade, mas todos perdemos alguma coisa, como, por exemplo, aquela condição de vida na qual estávamos ancorados no dia a dia de nossa vida cotidiana e costumeira. De repente, perdemos o “direito” de ir e vir, recolhemo-nos dentro de casa, e afastamo-nos de

espaços e lugares, inclusive espaço de trabalho como a sala de aula, no caso do professor, espaços íntimos de trabalho intelectual como os laboratórios acadêmicos onde se situam os grupos de pesquisa.

Nosso grupo de pesquisa, materialmente falando, teve suas portas fechadas em março de 2020, mais precisamente no dia 17, logo depois da primeira e última aula presencial da estreada disciplina Teorias sem disciplina, recém-criada no novíssimo doutorado em Estudos de Linguagens do agora PPGEL. Por cuidado e precaução, as portas do NECC continuam mais fechadas do que nunca, mas, apesar da situação em que nos encontramos todos, continuamos a nos reunir, a trabalhar, a ler, a pesquisar, a orientar, a escrever etc., mesmo que remotamente. Considerando que vou fazer um percurso cronológico de leituras críticas (e de livros) realizadas nestes tempos de existência de grupo, como dito antes, detenho-me ao final no que estamos lendo neste exato momento histórico do primeiro semestre de 2021.

Antes, porém, abro um sucinto parêntese para falar de minha chegada à UFMS, em 2004, mais precisamente no Campus de Três Lagoas. Havia defendido minha Tese sobre Clarice Lispector em abril de 2003 e, em 2004, chegava eu ali para ministrar aulas na Graduação em Letras e no único mestrado em Letras da UFMS, com duas orientandas já atribuídas a mim e à minha espera. Os livros lidos naquele momento, tanto na Pós-Graduação quanto na Graduação, eram, entre outros que vou mencionar a seguir, *Crítica Cult* (2002), de Eneida Maria de Souza, *Dez lições sobre Estudos Culturais* (2003), de Maria Elisa Cevasco, e *Apontamentos de crítica cultural* (2002), de Beatriz Resende. Ambos os livros, saídos na mesma época, tratavam, *grosso modo*, da relação entre a literatura e os Estudos Culturais, com certeza pelo fato de os referidos Estudos Culturais terem acabados de chegar ao Brasil e serem estudados em boa parte da pós-graduação naquele momento. Como não se trata de fazer nenhum julgamento de valor a nenhum livro aqui, mas tão somente retratar um percurso histórico de leitura e de trabalho de minha parte, apenas destaco de ambos os livros alguns textos os quais achava naquele momento, e continuo achando ainda hoje, essenciais numa discussão crítica, seja de ordem comparatista, literária ou cultural. De *Crítica cult* (2002), de Eneida, os ensaios mais lidos e debatidos em aulas e encontros afora foram, sem dúvida, “O espaço nômade do saber”, “O discurso crítico brasileiro”, “A teoria em crise”, “O não-lugar da literatura” e o divisor de águas “Notas sobre a crítica biográfica”. Desses ensaios, reservo apenas um comentário sobre o primeiro e outro sobre o último. Por se tratar de um texto sobre a disciplina de Literatura comparada, e considerando que eu desde minha entrada na UFMS, em 2004, estive envolto ao ensino da disciplina,

seja na Graduação ou na Pós, explorei o texto o quanto pude com acadêmicos. Lembro-me agora que eu dizia que no texto, e considerando o traço histórico biográfico recorrente na discussão, Eneida montava argutamente um discurso comparatista eivados por “paisagens teóricas” que se sobrepunham, criando, por conseguinte, amizades e famílias teóricas etc. Eneida relia Silviano e eu, de alguma forma, queria reler Eneida naquelas aulas intermináveis de um calor escaldante das tardes de Três Lagoas e, depois, já em Campo Grande. Lembro-me também que Eneida terminava seu texto ampliando a “metáfora familiar” de Harold Bloom, visando pensar melhor a “amizade literária”. Reproduzo agora um pedaço da passagem de Bloom explorada por ela: “[...] como toda biografia é a história de como alguém suporta o peso de sua própria família — ou o deslocamento da família às figuras de amantes e amigos” (*Apud* SOUZA, p. 46). Enfim, Eneida relegou a todos nós leitores, professores e pesquisadores que o exercício crítico pode e dever ser um espaço para o cultivo do “convívio com a diferença”, ao que eu acrescentaria hoje, quase vinte anos depois (e considerando minha trajetória pessoal e intelectual), convívio com as diferenças todas, inclusive, e principalmente, as diferenças coloniais. Já sobre o texto “Notas sobre a crítica biográfica” constato hoje, nestes últimos quase 20 anos de UFMS, que ele foi um dos textos, entre todos os demais, mais lidos e discutidos em minhas aulas, e talvez por uma razão bastante fácil de compreensão. Em tais “notas” arrolava-se um diálogo de base transdisciplinar entre várias abordagens teóricas e críticas, como a teoria literária, a cultural e a comparatista, além, claro, da biográfica, o que, por sua vez, nos fazia entender a “natureza compósita” da crítica biográfica desenvolvida por Eneida, como também pontuava o olhar crítico arguto da autora para uma abertura teórica sem precedentes na história das tendências críticas literárias brasileiras que marcaria os últimos 20 anos. Não por acaso que no parágrafo derradeiro de seu texto, Eneida observava que “o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada”. (SOUZA, 2002, P. 119). Enfim, durante todas minhas discussões sobre esse texto de Eneida em sala de aula, sempre quis ver que a “natureza compósita” da crítica biográfica era de base também comparatista, o que permitiu, mais tarde, mais precisamente em 2009, que, na criação do nosso Grupo de Pesquisa, ele recebesse o nome de Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), como depois mostrarei. Transcrevo aqui as palavras introdutórias e explicativas de Eneida sobre os ensaios que compõem *Crítica cult*: “estes textos, escritos na década de 1990, representam uma vertente de minha pesquisa

acadêmica, voltada para a reflexão sobre a crítica literária e a sua vinculação à crítica cultural e à literatura comparada.” (SOUZA, 2002, p. 11). Concluo eu hoje que essa nova vertente crítica e de base biográfica elaborada por Eneida na década de 90 alterou significativamente os rumos dos estudos comparatistas no Brasil, haja vista as pesquisas e discussões teóricas acadêmicas que foram feitas nestes últimos anos dentro das academias e dos grupos de pesquisas, chegando até mesmo a avançar a questão do “bios” para outras epistemologias, como a descolonial ou fronteiriça.

Afora os três livros mencionados, devo lembrar ainda destes, em razão de não terem sido menos estudados naquelas aulas calorentas de Três Lagoas, assim que cheguei na cidade em 2004: *O local da cultura* (1998), de Homi Bhabha, *O próprio e o alheio* (2003), de Tania Franco Carvalhal, e *Histórias locais/Projetos globais* (2003), de Walter Mignolo, também entre outros. Abro um parêntese para pontuar que os estudos comparatistas naquele momento estavam envoltos aos Estudos Culturais, como, de alguma forma, justificava, em parte, a publicação dos três livros mencionados inicialmente, assim como a publicação do livro de Bhabha, em 1998. Não por acaso, foi neste ano que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o congresso bianual da ABRALIC, cujo tema era “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”³ Da leitura que fazia em sala de aula do livro *O local da cultura*, duas abordagens, em especial, tratadas pelo autor me instigavam e me faziam repetir tal leitura anos a fio, apesar de àquele momento não compreendê-las como gostaria e devia. A primeira referia-se ao que Bhabha falava da própria Literatura Comparada como, por exemplo, acerca do termo *Weltliteratur*, de Goethe, termo esse que, muitas vezes, não apenas designou como se confundiu com a própria Literatura Comparada enquanto disciplina. Claro que na discussão proposta por Bhabha o interesse crítico era outro, de ordem mais global, inclusive tal discussão beirava uma ressignificação cultural/global do conceito. Já na Introdução de seu livro, intitulada de “Locais da cultura”, Bhabha advertia: “E é para uma intrigante sugestão na última ‘Nota sobre a literatura mundial’ de Goethe (1830) que me volto agora em busca de um método comparativo que falaria à condição ‘estranha’ do mundo moderno” (BHABHA, 1998, P. 32). Lembro agora que eu não perdia a oportunidade para propor nas aulas uma não menos intrigante

³ Maria Elisa Cevasco trata da questão de forma didática em seu livro *Dez lições sobre Estudos Culturais* (2003), especificamente na décima lição intitulada de “Estudos Culturais no Brasil”, p. 173-188.

conversa-pergunta: Bhabha falar de “um método comparativo” em meados dos anos 2000 no Brasil e no mundo é no mínimo desafiador e renovador, posto que é um consenso entre todo comparatista a crise, a querela, a contenda que a questão do “método” comparatista causou na crítica e na própria comparada como disciplina.

Já a segunda abordagem se referia ao que o autor de *O local da cultura* (1998) fazia sobre a questão de “fronteira”, a ponto de tal assunto tornar-se, num crescente em minha reflexão crítica e acadêmica, mais importante e usual do que a outra abordagem mencionada. Ressalvadas, obviamente, as diferenças epistemológicas entre os desdobramentos conceituais que o conceito epistemológico toma de acordo com a tendência teórica empregada. Mas foi, sem dúvida, a partir do que teorizava Bhabha ali que pude avançar na discussão e poder pensar, depois e até os dias atuais, em uma epistemologia fronteira sul que abarcasse melhor o lócus fronteiro de onde penso, trabalho e escrevo o que escrevo. No decorrer do percurso histórico deste texto, espero poder pontuar tais avanços e diferenças de ordem epistemológicas. Já na Introdução de seu livro, intitulada de “Locais da cultura”, Bhabha trazia como epígrafe uma passagem de Heidegger (talvez colhida em Derrida) sobre “fronteira” que abria toda sua discussão: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.”⁴ Apenas muito mais tarde, quando eu já estava trabalhando o conceito de fronteira pela perspectiva da descolonialidade latino-americana é que eu ia entender o real valor da expressão (ou estratégia pos-colonial) “a partir de” que se encontra na passagem do filósofo e trabalhada por Bhabha *a partir do presente* (como sinalizava o itálico do texto-epígrafe). Bhabha abria seu primeiro parágrafo da Introdução, cujo primeiro subtítulo era “Vidas na fronteira: a arte do presente”, afirmando: “nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo ‘pós’: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...*” (BHABHA, 1998, p. 19 – grifo do autor). Confesso que, aos poucos, conforme eu ia lendo e discutindo os postulados críticos propostos por Bhabha, tanto em *O local da cultura* quanto em outros livros e textos, também ia me afastando dessa visada, digamos, pós-moderna, que de alguma forma atravessa o discurso pós-colonialista do autor. A partir de uma ideia de fronteira como “entrelugares” (ou reunião de lugares), e ainda fazendo jus à epígrafe, Bhabha afirmava

⁴ Apud BHABHA. *O local da cultura*, p. 19. (grifo do autor)

que “é nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer resente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho tratando.” (BHABHA, 1998, p. 24). A fronteira como um lugar de passagens, de refugiados, de sujeitos dispersos pelo mundo, em diáspora, um lugar, conluo eu agora, de exterioridades e, por excelência, de epistemologias outras, como a epistemologia fronteiriça defendida pela descolonialidade latino-americana. A discussão do autor em torno de uma conceituação de fronteira que é também de ordem territorial e imaginária leva o autor a afirmar, por exemplo, que “o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.” (BHABHA, 1998, p. 27) Essa passagem, em especial, pontua que a proposta pós-colonialista de Bhabha não se contentava em endossar os postulados do sistema colonial moderno ocidental, nem muito pensar a partir do pensamento moderno puro e simplesmente; não, o autor partia dos desdobramentos que endossavam o pensamento moderno, como a visada pós-moderna, para logo ali pontuar que sua proposta pós-colonial visava uma forma de pensar outra ainda não contemplada pelo sistema colonial moderno que imperava no mundo (apesar disso, reconheço, entretanto, que há uma pegada pós-moderna na base da reflexão do autor indo-britânico). Lembro-me agora que quando tomei conhecimento de Bhabha, seu livro ainda não havia sido traduzido no Brasil. Antes de 1998, li numa aula de pós-graduação o agora capítulo “DissemiNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”. Apesar da dificuldade que eu e outros colegas de Pós tivemos em compreender o autor, eu particularmente gostei da leitura, talvez pelo fato de o autor naquele texto me remeter para casa, para minha zona fronteiriça do Centro-Oeste brasileiro de onde eu havia saído para estudar nos grandes centros do país. Bhabha começava o texto dizendo que o título devia à sabedoria de Derrida, mas também à sua condição e experiência de migração: “Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transformasse num tempo de reunião.”⁵ Reconheci depois que a relação biográfica que

⁵ A fronteira como um lugar da exterioridade: “Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às margens de culturas ‘estrangeiras’, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha

estabeleci como texto de Bhabha foi uma forma inconsciente de leitura que arranjei para começar a compreender e entender o que ele dizia ali. Mas agora sei também que o que me movera para o texto de Bhabha foi a sua inscrição biográfica, a presença de um *bios* corporal que só antecedia ao histórico, marca essa pouco recorrente ainda na escrita ensaística, pelo menos do modo como o autor dispunha ali na entrada de seu texto. Não por acaso que não demorou muito para eu me voltar para o *bios* que rondava a crítica biográfica (Eneida) e chegar ao que passei a chamar de crítica biográfica fronteira. Dou um salto no tempo e reconheço minha dívida teórica a ambos, uma vez que vejo que minha teorização fronteira de hoje dá-se atravessada por essas *experivivências* (Marcos) de leituras progressas. Bhabha concluía o capítulo sintomaticamente intitulado de Disseminação citando um verso do poeta palestino Mahmud Darwish que dizia: “Para onde voarão os pássaros depois do último céu? De certa forma, o texto de Bhabha respondia à pergunta feita, uma vez que disseminação agregava reunião, fronteira, nação, margens e exílio, palavras caras que se disseminavam na estrutura do discurso pós-colonialista do autor. Confesso que, talvez até mais do que minha leitura de Bhabha, o verso do poeta palestino passou a me perseguir por anos a fio, a ponto de eu vir a escrever várias vezes sobre ela, como acontece no livro *O jardim das fronteiras* (2020). Nesse livro, entre outras questões, nomeio as três vezes em que me encontrei com o verso do poeta e com sua obra, a ponto de eu me perguntar se eu que o perseguia, ou se era aquele verso em específico que me perseguia através das leituras. Por fim, devo dizer que tantos aqueles três livros brasileiros mencionados antes, os quais tratavam, cada um a seu modo, dos Estudos Culturais ingleses, quanto este de Homi Bhabha sobre a pós-colonialidade oriental, contribuíram para uma *formação* minha de leitura crítica sobre cultura de um modo geral naquelas aulas de outrora e depois.

Entre os livros lembrados por mim acima, quero agora destacar o livro *Histórias locais/Projetos globais* (2003), de Walter D. Mignolo, por reconhecer, sem sombra de dúvida, ter sido o livro que viria para alterar (mudar a perspectiva) meu

fluência da língua do outro; reunindo os signos de aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas; reunindo as memórias de subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado, num ritual de revivescência; reunindo o presente. Também a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados; a reunião de estatísticas incriminatórias performance educacional, estatutos legais, status de imigração — a genealogia daquela figura solitária que John Berger denominou o sétimo homem. A reunião de nuvens às quais o poeta palestino Mahmoud Darwish pergunta: ‘Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?’” (BHABHA, 1998, p. 198).

ponto de vista crítico e teórico de uma vez por todas. 2003 foi o ano da publicação do livro pela Editora da UFMG e foi também o ano em que defendi minha Tese no PÓS-LIT(UFMG) e assumi o concurso público na UFMS. Assim como aconteceu com Bhabha, li algum texto de Mignolo na pós-graduação. Mas foi somente no ano seguinte, em 2004, que eu viria a adquirir o livro *Histórias Locais/projetos globais* durante o evento da ABRALIC em Porto Alegre. De lá para cá, e até hoje, o livro esteve presente em todos meus planos de ensino e respectivamente em disciplinas ministradas, especialmente nas disciplinas de Pós-graduação, a exemplo da de Literatura Comparada e, nos últimos anos, na de Teorias sem disciplina. Além da perspectiva defendida pela “epistemologia fronteiriça”, que atravessa de ponta a ponta o pensamento pós-colonial, descolonial, que ancora toda a discussão feita por todo o livro, como forma de se contrapor à “epistemologia moderna”, enquanto aquela que “conseguiu subalternizar outras formas de conhecimento, construiu-se presumindo uma perspectiva universal de observação e um lócus privilegiado de enunciação segundo o próprio Mignolo (MIGNOLO, 2003, p. 175), outros conceitos caros ao pensamento descolonial, ou fronteiriço, como o de fronteira, por exemplo, são exaustivamente trabalhados desde a Introdução do livro, como o de “diferença colonial” e a estratégia teórica “a partir de”. Como é difícil mensurar a importância que a discussão ali feita teve e tem em minha reflexão teórica e acadêmica, vou eleger apenas dois capítulos do livro para pontuar questões teóricas relevantes e, por conseguinte, justificar minha predileção pela teorização de base descolonial em minha prática acadêmica. Refiro-me aos capítulos II, intitulado de “A razão pós-colonial” (p. 133-180), e IV, intitulado de “Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais?(p. 239-294). No primeiro capítulo, conforme já sinaliza seu título, o autor propõe tratar da razão pós-ocidental, ou, como passa a ser lida mais tarde, razão descolonial, que sustenta a emergência do pensamento fronteiriço (na versão aqui mencionada, o termo foi traduzido por “pensamento liminar”)/(*borders thinks*). A discussão que se encena em torno do pensamento fronteiriço (razão descolonial ou fronteiriça) e o sistema colonial moderno (ou pensamento da modernidade/colonialidade) atrai uma plêiade de conceitos como forma de marcar bem a relação diferencial que separa a ambos. Não por acaso talvez que o autor, logo de início, estabelece seu objetivo maior como “estabelecer o diálogo entre o pensamento fronteiriço (na tradução “liminar”) e a pós-colonialidade através da diferença colonial.” (MIGNOLO, 2003, p. 134). Entre tais conceitos, gostaria de mencionar o de “razão subalterna, “gnose liminar”(fronteiriça), “teorias pós-coloniais e teorização pós-colonial” e o de

“teorização bárbara”. Não vou aqui, obviamente, me deter em cada um desses conceitos separadamente, mas trarei uma discussão de ordem geral com o objetivo específico de abarcar o contexto epistemológico que encampa a todos. No bojo da discussão feita por Mignolo sobressai a diferença entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade: enquanto a primeira é vista tanto *como um discurso sobre a presunção do imaginário da “modernidade” quanto uma caracterização do presente histórico em que é possível tal discurso*, em contraposição, a segunda é vista tanto *como um discurso crítico que traz para o primeiro plano o lado colonial do “sistema mundial moderno” e a colonialidade do poder embutida na própria modernidade, quanto um discurso que altera a proporção entre locais geostóricos (ou histórias locais) e a produção de conhecimentos* (Ver MIGNOLO, 2003, p. 136). Enfim, além da “diferença colonial” que está na base do discurso crítico da pós-colonialidade e que, por sua vez, se faz ausente da proposta do projeto moderno, podemos pontuar ainda a importância entre os *lóci* de enunciação e a produção de conhecimentos para uma reflexão de base pós-colonial ou descolonial. A questão da importância do lugar de onde se pensa, que preside a reflexão pós-colonial, além de tratar diretamente da formação da razão subalterna e da teorização pós-colonial/descolonial, marca também a importância da presença do crítico descolonial em seu determinado lugar: “a inscrição da experiência colonial/subalterna do crítico em suas práticas teóricas,” [...] (MIGNOLO, p. 156), o que, em teorização de ordem descolonial, equivale ao “pensar a partir de” defendido por Mignolo logo no início de *Histórias locais/Projetos globais*. É por meio dessa presença do crítico descolonial nada fantasmática em sua prática crítica, pensando a partir da fronteira ou da exterioridade, que o crítico propõe sua teorização como uma espécie de *teorização bárbara*: “uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando, precisamente, a partir da situação na qual foram colocados, sejam eles judeus, muçulmanos, ameríndios, africanos ou outros povos do ‘Terceiro Mundo’ como os hispânicos nos Estados Unidos de hoje” (MIGNOLO, p. 157). Eis aí a diferença sobre a qual quero insistir aqui: *pensar a partir da situação (ou lugar) na qual foram colocados, como na condição de fronteira ou de exterioridade*. Daí desse lugar fronteiro, dessa condição de exclusão, se erige um “local filosófico” (Kusch) a partir do qual a localização é não mais apenas geográfica, mas também histórica, política e sobretudo epistemológica. É no centro dessa discussão de ordem teórica e epistemológica, que Mignolo nos lembra de que *não existe local geográfico ou epistemológico que detenha os direitos de propriedade sobre práticas teóricas e,*

por conseguinte, o legado de uma *consciência de que o próprio conceito de teoria, ligado à razão moderna, não pode ser aceito, repetido e aplicado na epistemologia descolonial*. Não por acaso o autor propõe que desvinculemos o conceito de teoria de sua versão epistemológica moderna, ou até mesmo de sua versão pós-moderna e conclui pontuando um dos objetivos primordiais da *teorização pós-ocidental/descolonial*: “reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora ou em sua versão de pensamento teórico negado aos não-civilizados.”(MIGNOLO, p. 158) Explica-se, assim, a teorização descolonial proposta e defendida pelo autor — *a de pensar a partir de fronteira e sob a perspectiva da subalternidade, pensar a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria*:

pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas. Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria *sobre* um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa *a partir das e sobre* as fronteiras. (MIGNOLO, 2003, p. 159)

Confesso que a referida passagem me incomodou muito, desde quando passei a lê-la em 2004, talvez porque não se era tão comum ler e muito menos discutir acerca de afirmações como a que ali se fazia, e um dos modos que encontrei de não apenas entender a referida passagem, mas a proposta descolonial defendida e partilhada por Walter Mignolo como um todo, foi o de trazer a leitura do livro *Histórias locais/Projetos globais* (2003) para dentro das aulas das disciplinas de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada. Se considerarmos o fato de que eu sempre trabalhei, pensei e escrevi *a partir de* uma universidade brasileira fronteiriça (a UFMS), é possível de se imaginar o quanto que toda a discussão teórica se tornou muito mais enriquecedora e próxima, ao mesmo tempo, tanto dos alunos jovens leitores e pesquisadores, quanto alterou substancialmente o rumo das pesquisas realizadas dentro do espaço do grupo de pesquisa NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados (criado em 2009). Entre as inúmeras perguntas que fizemos e fomentamos no espaço da sala de aula nesses quase vinte anos, e cuja discussão dava-se a partir dos postulados teóricos da Teoria da literatura e da Literatura comparada e de modo mais incisivo e num crescendo dos Estudos descoloniais, somente mais recentemente fomos encontrar uma resposta (e na forma de pergunta), que justificava mais de perto nossa busca pelo entendimento do que não

conseguíamos entender melhor no plano das discussões teóricas, quando nos deparamos com o livro que não por acaso se intitula *de ¿Podemos pensar los no-europeos?* (2018). E a resposta, a qual estamos chegando por meio de uma opção descolonial, uma desobediência epistêmica, um desprendimento e uma consciência crítica epistemológica de fronteira, faz coro à resposta descolonial dada por Walter Mignolo: “sí, podemos, debemos y lo estamos haciendo.” (MIGNOLO, 2018, p. 159)

Feita essa digressão temporal, volto ao que estava privilegiando do e no livro *Histórias locais/projetos globias*. Ainda sobre o capítulo “Da razão pós-ocidental”, de Mignolo, me detenho apenas na *teorização pós-colonial*: “são críticas incluídas na razão subalterna e na gnose liminar [outros dois conceitos privilegiados aqui por mim]: um processo de pensamento que os que vivem sob a dominação colonial precisam empreender para negociar suas vidas e sua condição subalterna.” (MIGNOLO, 2003, P. 146). A gnose liminar aí, ou fronteiriça, é uma estratégia para se construir formas subalternas de pensar, enquanto a razão subalterna é o lócus diferencial de enunciação onde a prática teórica (teorização) descolonial acontece. Resumindo o que propõe o autor no capítulo, bem como em todo o livro, a proposta da teorização descolonial tem por um de seus objetivos o de “reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora ou em sua versão de pensamento teórico negado aos não civilizados” (GILROY apud MIGNOLO, 2003, P. 158)

Passo, agora, a me deter no segundo capítulo por mim privilegiado do livro de Mignolo, que se intitula de “Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais?”. Dada a grandeza de discussão conceitual nele apresentada e debatida, haja vista a pergunta que resulta no referido título do capítulo, vou me deter apenas em uma passagem, por entender que ela foi a que mais fomentou discussões em sala de aula, sobretudo e principalmente nas aulas de Literatura comparada:

A modernidade não pode ser entendida sem a colonialidade; a colonialidade não pode ser entendida sem a modernidade. [...] Esses [processos civilizadores] não seriam mais concebidos como a subalternização das culturas, mas como um processo plurilógico e pluritópico que contribui para um planeta no qual as semelhanças-na-diferença poderiam substituir a ideia de semelhanças-e-diferenças, manipuladas pelos discursos coloniais e imperiais. Enquanto a noção de semelhanças-e-diferenças constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc.), a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a

da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis.⁶

Como já disse, a referida passagem, bem como o capítulo como um todo, não apenas proporcionou grandes discussões em aulas de Literatura comparada (desde 2004 até o presente momento), tanto na Pós-Graduação quanto na Graduação, como permitiu a todos os envolvidos rediscutirem os próprios postulados da disciplina, sobretudo e especificamente no tocante ao ato (ou seria opção?) de comparar nos dias atuais? De minha parte, por exemplo, e pensando obviamente na prática descolonial do “aprender a desaprender, para poder así re-aprender” tão bem explorada por Walter D. Mignolo em seu livro *Desobediencia epistémica* (2010)⁷, cheguei a propor a réplica aprender a *comparar para descomparar para, assim, recomparar*. A passagem também traz a diferença abissal entre a política do pensamento colonizador moderno e a política do pensamento descolonial (no texto o autor ainda fala em “pós-ocidentalismo”), pontuando que enquanto o primeiro se prendia à política das “semelhanças-e-diferenças” (prática do aprender a *comparar para descomparar* cara à disciplina de Literatura Comparada), o segundo propunha a política das “semelhanças-na-diferença” (prática do aprender a *comparar para recomparar*), cuja opção descolonial vinha assentada numa prática da desobediência epistêmica e do desprendimento epistemológico por excelência. É nessa direção, e no bojo dessa discussão (e tendo a passagem como eixo irradiador da reflexão proposta), que Mignolo responde à pergunta resultante no título de seu capítulo: “Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais?”⁸ Afora isso, ainda há outras passagens do referido capítulo dignas de reprodução e alguns comentários (principalmente quando se lembra aqui que as leituras e discussões aconteciam no âmbito de uma sala de aula). Aqui vou privilegiar tão somente aquelas passagens voltadas para discussões de ordem teórica, por entender (e lembrar) que o assunto era necessário e oportuno na sala de aula. Mignolo abre seu texto dizendo que as teorias itinerantes viajam e que quando chegam ao seu lugar de origem são transformadas e transculturadas. Mas também nos lembra que

quando as teorias chegam a lugares onde os legados coloniais ainda estão nas memórias dos estudiosos e intelectuais, as teorias itinerantes podem ser percebidas

⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 278.

⁷ MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 98 (especificamente a parte IV intitulada “Prolegómeno a una gramática de la descolonialidad, p. 93-126)

⁸ MIGNOLO. Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais, p. 239-294.

como novas formas de colonização, e não como novos instrumentos, para iluminar a inteligência de seus anfitriões ou revelar uma realidade que não poderia ter sido percebida sem o deslocamento da teoria, ou sem convidar uma teoria a permanecer, logo quando estava prestes a partir.⁹

A discussão ia longe nas aulas e vai mesmo agora, muito anos depois, uma vez que a discussão não chegou ao seu término, pelo menos no lugar fronteiriço onde se situa a universidade (UFMS) em que trabalho e penso. Quando as teorias viajam por meio da diferença colonial, como tão comumente acontece com as teorias que migram dos centros do país para as bordas, elas trazem e impõem a marca do poder da colonização, seja por meio da prática teórica da repetição, seja por meio do incentivo exacerbado que elas propõem aos intelectuais dos lugares fronteiriços por meio da metaforização e da ficcionalização das teorias, talvez como forma, até mesmo inconscientemente, de encobrir a diferença descolonial e as epistemologias fronteiriças advindas desses lugares ignorados. Na verdade, o que está por trás da discussão das viagens, ou movimentações das teorias itinerantes feita por Mignolo é a relação das teorias com os lugares, quer sejam de onde elas partam, mas sobretudo onde elas chegam. Enfim, o problema da discussão se resume em: “qual a relação entre o local geográfico e a produção do saber? Quais são as histórias locais desses agentes e teorias?” Mignolo se detém em respostas a tais perguntas, entre outras, por todo seu texto. E nesse sentido, adverte-nos o autor: “indagar sobre o local das teorias implica, primeiro, em historicizar qualquer pretensão à universalidade da razão, em que certas ‘formas’ de conhecimento, e não outras, são relegadas à posição de objeto (‘conhecimento’ primitivo, bárbaro, oriental). Em segundo lugar, implica analisar a crença de que o pensamento teórico é desvinculado de locais linguísticos e geográficos”.¹⁰ Cai por terra, nessa visada crítica descolonial, aquela ideia moderna que o resto do mundo não pensa e, por sua vez, não produz teorias. (Teorias talvez não mesmo, dada sua origem disciplinar e de Área); mas com certeza *teorizações* indisciplinadas. E é nessa direção que Mignolo insiste e reforça na importância do local geográfico quando o assunto é a política das Teorias:

a política de local nos mostra que não há macroteoria universal para todas as coisas imagináveis relacionadas com ela, isto é, que a totalidade teórica não tem uma correlação ontológica, ou que teorias

⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 240.

¹⁰ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 261-262.

sobre classe não dão conta de problemas étnicos (ou vice-versa) [...] Ao mesmo tempo, as [sociedades] do local geoistórico demonstram a proeminência emocional (étnica, nacional, cosmopolitana, sexual, de classe) da agência humana ao construir teorias, pelo menos nas ciências humanas e nas humanidades.¹¹

Para, na sequência, o autor reiterar que “as sensibilidades não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se, na família, na escola (para os que têm acesso a ela) no decorrer da vida. [...] as sensibilidades dos locais geoistóricos relacionam-se com um sentido de territorialidade [...] e inclui a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima e todos esses signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares”.¹² Teorização como essa ancorada no pensamento descolonial ou fronteiriço lembra-nos do que o pensamento teórico moderno fez questão de não se lembrar, ou melhor, de silenciar, por meio de um conceito e uma prática moderna de teoria: *pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um pequeno número de línguas específicas*.¹³ Ao eleger os estudos subalternos frente aos estudos pós-modernos e pós-coloniais, Mignolo sinaliza que aqueles estudos podem, inclusive, descolonizar a teoria que grassa nos lugares subalternos ou fronteiriços, com sua proposta desconstrutora salvífica e messiânica, sobretudo quando essa teoria insiste sua relação inter/multi e transdisciplinar. Nesse sentido, Mignolo afirma que: “os Estudos Subalternos poderiam contribuir para descolonizar a pesquisa, refletindo criticamente sobre sua própria produção e reprodução do conhecimento e evitando a reinscrição das estratégias de subalternização.”¹⁴ “Poderiam” porque eles só podem contribuir para descolonizar a teoria e a pesquisa quando se articulam por fora do conhecimento disciplinar, interdisciplinar e até transdisciplinar, porque senão se permanecerem dentro dessa prática estariam sob o domínio disciplinar e seriam, por conseguinte, subalternos, uma vez que sua prática apenas repetiriam aquelas práticas das teorias

¹¹ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 264.

¹² MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 264.

¹³ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 159.

¹⁴ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 279. “O pós-moderno e o pós-colonial devem ser superados e descartados como conceitos pertencentes ao legado dos discursos coloniais e imperiais.”(p. 279)

e endossada pela história europeia.¹⁵ Por fim, para concluir meus apontamentos acerca do segundo capítulo aqui priorizado de Walter Mignolo, retomo o começo de uma passagem antes destacada em que se lê que “a modernidade não pode ser entendida sem a colonialidade; a colonialidade não pode ser entendida sem a modernidade”, para reiterar que foi a articulação entre colonialidade e modernidade/razionalidade proposta por Quijano e desenvolvida e defendida por Mignolo por todo seu livro *Histórias locais/Projetos globais* (2003) e que pode ser abreviada nestas palavras do autor:

a sede hegemônica da epistemologia moderna na Europa (o Ocidente ou o Mundo Atlântico) como o porto de onde partiram as teorias itinerantes, as formações disciplinares e os procedimentos para subalternizar o conhecimento, que foram constitutivos dessa hegemonia: a transformação de outras formas de saber em objetos de estudo.¹⁶

Chego, agora, ou me detenho, ao nosso grupo de pesquisa NECC, tão somente para pontuar o que foi e continua sendo feito até o presente momento pandêmico de nossas vidas. Já disse, mas não custa repetir, que a sigla NECC significa: Núcleo de Estudos Culturais Comparados. Criado em 2009, e vinculado ao PPGMEL, depois PPGEL/UFMS até o presente momento, tornou-se o espaço acadêmico em que grandes discussões e leituras, como as mencionadas acima pudessem ser feitas, além de ancorar várias pesquisas tanto de graduandos quanto de pós-graduandos, bem como receber conferencistas renomados, que permitiram o debate e o engrandecimento de todos, e merecendo destaque especial a publicação do periódico do Grupo intitulado de Cadernos de Estudos Culturais¹⁷, cuja publicação

94

¹⁵ Ver passagens de CHAKRABARTY em MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 279, 280, 281 e 282.

¹⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 286.

¹⁷ Em ordem cronológica todos os volumes e suas respectivas temáticas: 1º volume: Estudos culturais (abril de 2009); 2º volume: Literatura comparada hoje (setembro de 2009); 3º volume: Crítica contemporânea (abril de 2010); 4º volume: Crítica biográfica (setembro de 2010); 5º volume: Subalternidade (abril de 2011); 6º volume: Cultura local (dezembro de 2011); 7º volume: Fronteiras culturais (abril de 2012); 8º volume: Eixos periféricos (dezembro de 2012); 9º volume: Pós-colonialidade (abril de 2013); 10º volume: Memória cultural (dezembro de 2013); 11º volume: Silvano Santiago: uma homenagem (abril de 2014); 12º volume: Eneida Maria de Souza: uma homenagem (dezembro de 2014); 13º volume: Povos indígenas (abril de 2015); 14º volume: Brasil\Paraguai\Bolívia (dezembro de 2015); 15º volume: Ocidente/Oriente: migrações; 16º volume: Estéticas periféricas (abril de 2016); 17º volume: Cultura urbana; volume 18º: Tendências

iniciou-se no ano da criação do núcleo de pesquisa e vem, semestralmente e regularmente, sendo publicado (publicação antes impressa, e agora apenas *on-line*). As 26 temáticas tratadas em cada um dos vinte e seis volumes dos Cadernos, conforme podem ser vistas elencadas na última nota deste texto, já demonstram por onde andaram as discussões de ordem teórica e crítica nesses últimos anos de pesquisas, leituras e produção acadêmica. Quanto aos intelectuais que efetivamente contribuíram com ensaios para a realização dos respectivos volumes, tanto de dentro do país quanto de fora, hoje têm seus textos publicados online em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/index>. (Aproveito para deixar aqui mais essa valiosa indicação de leitura).

Por fim, mas não menos importante, neste momento de final de ano de 2021, quando todos do Grupo nos preparamos para finalmente voltar e reabrir a porta do espaço de pesquisa NECC (fechada, como disse, em 17 de março de 2020), afinal estamos vivos e logo podemos pensar (e aliás não paramos de ler e de produzir academicamente, apesar dos empecilhos, mesmo em momento mais crítico da pandemia), se todos do NECC, e até mesmo de fora dele, me pedissem o que deveríamos ler neste momento histórico presente, responderia de bom grado: *¿Podemos pensar los no-europeos?*(2018)¹⁸. Porque, parafraseando a resposta dada no livro por Walter Mignolo, eu diria que *sim, podemos, devemos e estamos fazendo* a diferença a partir do lócus geohistórico fronteiriço no qual nos situamos e narramos nossas histórias locais. Porque, também, e por conseguinte, o NECC se tornou o lugar a partir de onde se erige uma *teorização* cuja prática de *des-comparar descolonialmente* parte do *biolócus* em que todos nos encontramos situados na fronteira-sul.

95

REFERÊNCIAS

teóricas do século XXI; volume 19º: Tendências artísticas do século XXI; 20º: Exterioridade dos Saberes: NECC 10 ANOS; 21º: Pedagogias descoloniais; 22 º: Corpos epistêmicos; 23º volume: Ensaio biográfico; 24º volume: Despolíticas, despoéticas, desobediências; 25º volume: Crítica biográfica fronteiriça (em edição); 26º volume: Fazer-sendo–Não europeu (em edição)

¹⁸ GIULIANO. (ORG.) *¿Podemos pensar los no-europeos?*

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CEVASCO, Maria Eliza. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

GIULIANO, Facundo (Org.) *¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. 2ª. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *A fronteira não é longe daqui: ensaio de crítica biográfica fronteiriça*. (Trabalho inédito apresentado como Tese Acadêmica para Professor Titular, defendida dia 24 de setembro de 2020 - FAALC/UFMS)

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002

Artigo Recebido em: 06 de fevereiro de 2021.

Artigo Aprovado em: 06 de junho de 2021.

